

# Construções do tipo QU em Karajá

Marcus Maia\*

## Abstract

This paper intends to describe and analyze the complementizer system in the left periphery of the clause in Karaja, a Macro-Je stock language spoken by about 3,000 people on and around the Bananal Island in Central Brazil. We will analyze interrogative constructions of the Wh and yes/no types, topic and focus constructions, as well as constructions with the **txibo** “whether” conditional operator and with the accusative morpheme **-my** in order to propose an integrated account for those structures.



## Introdução

O presente estudo é uma versão revista e ampliada de Maia (2000), em que estudamos a sintaxe sublexical

\* Museu Nacional/UFRJ.

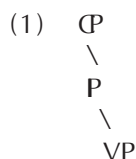
das palavras interrogativas em Karajá, propondo a sua análise no âmbito do sintagma de complementização, de forma integrada a construções de tópico e de foco. Anteriormente, em Maia, Salanova e Lanes (2000) descrevemos comparativamente os conjuntos de palavras interrogativas das línguas Karajá, Kayapó e Manchineri, analisando suas características morfológicas e sintáticas com o objetivo de tentar estabelecer uma tipologia das expressões interrogativas nas três línguas, tomando-se como referência a teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky & Lasnik (1993), Chomsky (1995)). No presente trabalho, revisamos a análise apresentada em Maia (2000), incorporando a análise do operador condicional *txibo* “se”, um elemento do tipo QU, que, conforme demonstraremos, ocupa a mesma posição que as palavras interrogativas na projeção mais baixa do sistema de complementização, capturando uma relação de dependência entre este sistema e especificações flexionais do sistema verbal. Neste sentido, analisamos ainda construções encaixadas marcadas com o sufixo *-my*, que exibem basicamente as mesmas propriedades dependenciais entre os sistemas de complementização e o sistema flexional das orações.

O artigo organiza-se da seguinte forma: apresentaremos, inicialmente, uma breve introdução aos tópicos teóricos relevantes para a análise, passando, logo em seguida, à revisão das construções interrogativas QU, perguntas do tipo SIM/NÃO, bem como sua interação com as estruturas de tópico, foco, condição e subordinação na língua Karajá. Finalmente, apresentaremos nossa proposta de análise sintática para estes fatos, considerando a estrutura interna dos sintagmas QU e das interrogativas SIM/NÃO nesta língua.

A base de dados constituída para o estudo inclui não somente a transcrição de frases de questionários e narrativas espontâneas coletadas, ao longo de nossa pesquisa junto aos Karajá a partir de 1983, mas também a elicitación de julgamentos de gramaticalidade

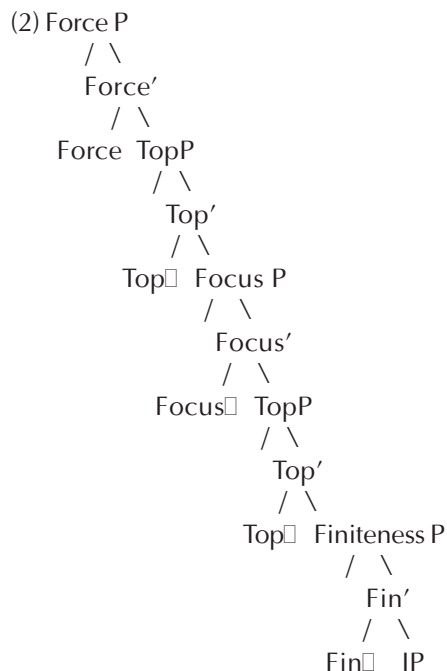
## 2. O quadro teórico

Segundo Rizzi (1997), pode-se pensar a representação das frases na Gramática Universal como sendo constituída por três camadas estruturais, cada uma delas associada a um tipo específico de informação, como ilustrado em (1) no handout.



O sistema VP é a camada lexical, que tem como núcleo o verbo que atribui papel temático a seus argumentos; o sistema IP é a camada flexional, constituída por diferentes núcleos funcionais responsáveis pelo licenciamento de traços morfológicos tais como caso e concordância. Finalmente, o sistema CP, a camada de complementização, tem tipicamente como núcleo um morfema

funcional livre, o complementizador, além de abrigar tópicos e operadores de interrogação, foco, relativização e outros elementos do sistema A' ou não-argumental. Rizzi (97) reúne evidências em favor da expansão do sistema CP em termos de diferentes projeções funcionais, no espírito do trabalho seminal de Pollock (89), que propõe a expansão do sistema IP. Assim, o sistema CP, segundo Rizzi (97), seria constituído pelo arranjo articulado de projeções X-barra como ilustrado em (2):

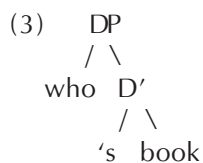


Muito resumidamente, a proposta de Rizzi é a de que o papel do sistema de complementização seria o de viabilizar a interface entre um conteúdo proposicional, expresso pelo sistema IP/VP, e a estrutura superordenada, que poderia ser uma oração mais alta ou mesmo a articulação discursiva. Assim, nos dois extremos da configuração em (2) têm-se os sintagmas de Força e Finitude que, expressariam, respectivamente, as informações sobre o tipo oracional e as dependências entre os sistema CP e o sistema IP. No primeiro caso, capturam-se, no âmbito de um Sintagma de Força, informações tais como a natureza declarativa, exclamativa, interrogativa, relativa, comparativa ou adverbial da frase que desempenham um papel na seleção da frase por um selecionador mais alto, considerando, por exemplo, a sua força ilocucionária. No caso do sintagma de Finitude, capturam-se as propriedades de IP replicadas no sistema de complementização, tais como, por exemplo, a relação entre o complementizador e o caráter finito ou infinito do verbo.

Entre estes dois sintagmas, que comporiam o sistema de força e finitude, Rizzi situa os sistemas de tópico e de foco, revendo uma série de diferenças entre as duas construções que ocupam tipicamente a periferia esquerda da

frase. Não cabe nos limites de tempo desta comunicação uma revisão mais detalhada da proposta de Rizzi. Gostaríamos, no entanto, de chamar a atenção para dois aspectos da proposta relevantes para a nossa análise: em primeiro lugar a distinção entre as construções de tópico e de foco estabelecida à base da correlação com um clítico resumitivo. Segundo Rizzi, apenas as construções de tópico admitem o clítico resumitivo, o que não ocorre nas construções de foco. Em segundo lugar, Rizzi conclui que as palavras QU teriam como sítio de pouso, em Italiano, a posição de especificador do sintagma de foco [Spec, Foc<sub>Q</sub>], já que há evidências de que, nesta língua, os operadores interrogativos e os constituintes focalizados competem pela mesma posição e não podem coocorrer.

No quadro da teoria de Princípios e Parâmetros, as chamadas perguntas-QU são estruturas interrogativas que envolvem um sintagma-QU que pode ser não-referencial, como, por exemplo, em Português, as palavras quem, o que, qual, quando, como, etc. ou que podem ser referenciais, tais como as expressões qual livro, que horas, etc. De acordo com operação bem conhecida na teoria gerativa, os sintagmas-QU movem-se de sua posição de base para uma posição na periferia esquerda da frase, uma posição de especificador no interior do CP, de onde podem vincular o vestígio resultante de seu movimento do ponto de extração. De acordo com os requisitos minimalistas do modelo atual da teoria gerativa, o movimento sintático só é possível como último recurso, para satisfazer exigências morfológicas. É possível, assim, parametrizar os traços morfológicos como fortes ou fracos. Os traços fortes devem ser checados via movimento sintático visível, isto é, elevando-se para o nó pré-terminal apropriado, onde há um complexo de traços abstratos que se combinam aos traços morfológicos garantindo a chamada convergência da derivação. Se tais traços não forem checados na chamada sintaxe visível a derivação não convergirá, pois tais traços não poderão ser interpretados no nível da Forma Fonética. Por outro lado, as línguas que tem traços fracos podem procrastinar a sua checagem para o nível da Forma Lógica. Chomsky (95) analisa o sintagma “whose book” (o livro de quem) como representado em (3):



As palavras interrogativas são analisadas como possuindo um traço QU abstrato e um elemento abstrato subjacente aos pronomes indefinidos. Se o traço interrogativo Q, instanciado em CP, for forte, como é o caso do inglês, o traço QU deve elevar-se para checar Q. Se o traço QU elevar-se sozinho, deixando para traz, por exemplo, a expressão referencial que o acompanha, o resultado seria a não convergência da derivação na Forma Fonética. Portanto, o sintagma inteiro deve elevar-se na sintaxe visível. Por isso em (3), não apenas a palavra interrogativa é elevada, mas também o resíduo 's book. É importante notar que embora o sintagma inteiro seja elevado, é

apenas o traço QU que precisa de fato elevar-se, o resto é automaticamente arrastado, na operação que tornou-se conhecida como “pied-piping”.

Como demonstrado em Maia, Salanova e Lanes (97), a língua Karajá (bem como as línguas Kayapó e Manchinéri) oferece material empírico interessante a ser checado contra o fragmento da Gramática Universal resenhado aqui. A sua natureza não fusional permite uma segmentação bem definida dos componentes das palavras QU. Ao contrário do Inglês em que a segmentação em (4), discutida em Tsai (94), é intuitivamente interessante, mas tem uma natureza amalgamante, nossos dados nos permitem entreter a possibilidade teoricamente interessante de que o traço QU seja o núcleo de seu sintagma.

(4) Palavras QU	Pronominais
Wh+at	th+at
Wh+ere	th+ere
Wh+en	th+en

### 3. As palavras interrogativas em Karajá

As palavras interrogativas em Karajá são invariavelmente formadas pela composição de uma ou mais raízes indefinidas com o traço QU “-bo”. Os dados em (5) descrevem a constituição básica das palavras QU ou palavras BO em Karajá:

(5)		
aõ + bo	“o que”	
coisa QU		
mo + bo	“quem”	
pessoa QU		
ti + wàse + na + bo	“qual”	
igual nom QU		
ti + ki + bo	“onde”	
em QU		
ti + u + bo	“quando”	
tempo QU		
ti + my + bo	“como”	
para QU		
ti + wàse bo	“quantos”	
igual QU		
aõ + he + re + ki + bo	“por que”	
coisa emphatic em QU		

Estabelecamos desde logo que as interrogativas QU, em Karajá, são derivadas via movimento sintático. Note-se que (6) é uma frase declarativa com ordem de constituintes SOV, enquanto que (7) é uma construção interrogativa com a palavra QU *aõbo* deslocada à esquerda. (8) demonstra que há um contraste de julgamento se a palavra interrogativa permanecer *in situ*.

- (6) Wataju iheto riwinyreri  
3-casa está fazendo  
“Wataju está fazendo a casa dele”
- (7) Aõbo Wataju riwinyreri?  
O que está fazendo  
“O que Wataju está fazendo?”
- (8) ? Wataju aõbo riwinyreri?  
o que está fazendo  
“Wataju o que está fazendo?”

As frases (9), (10) e (11) demonstram que os adjuntos, assim como os argumentos, também devem mover-se para a periferia esquerda da frase:

- (9) Kaiboho mawaxinybenykre biurasòmmy  
Vocês pescarão amanhã  
“Vocês pescarão amanhã”
- (10) Tiubo kaiboho mawaxinybenykre?  
quando vocês pescarão  
“Quando vocês pescarão?”
- (11) ? Kaiboho mawaxinybenykre tiubo?  
vocês pescarão quando

Como esperado para operações de movimento sintático, restrições concernentes à localidade do movimento são operativas em Karajá, como se depreende da agramaticalidade da frase (12):

- (12) \* Mo-my-bo Arirama a-ko relyyre tiubo tii itxirearemy Brasília-ki?  
pessoa-Acus-QU você-para disse quando ele encontrou Brasília-em?  
“Quem Arirama disse a você quando ele encontrou em Brasília”

A frase (12) demonstra que a extração visível do sintagma QU *momybo* da oração adverbial é agramatical em Karajá, indicando que esta língua é sensível à condição de subjacência (Chomsky, 77). Note-se ademais que a frase (12) também oferece um exemplo de um padrão gramatical interessante: a palavra interrogativa *mobo* “quem” tem em seu interior o marcador acusativo *-my*. Passaremos imediatamente à descrição deste fenômeno.

As palavras interrogativas argumentais recebem particulas posposicionais em seu componente indefinido, como exemplificado em (13):

(13) Kai waha-my tabita  
você meu pai-Acus viu  
"Você viu meu pai"

(14) Mo-my-bo kai tabita?  
pessoa-Acus-QU você viu ?  
"Quem você viu?"

(15) Aõ-my-bo kai tabita?  
coisa-Acus-QU você viu  
"O que você viu?"

Note-se que alguns verbos em Karajá marcam seus objetos diretos com o marcador acusativo -my, como exemplificado em (13). Os exemplos em (14) e (15) demonstram que o morfema acusativo é também posposto às raízes indefinidas *mo* "pessoa" e *aõ* "coisa". Além da partícula -my, outras posições podem também ocupar esta posição interna tanto na palavra *mobo* "quem", quanto na palavra *aõbo* "o que", em Karajá, como exemplificado em (16), (17), (18) e (19):

(16) mo-wyna-bo kai tohonyte kau?  
pessoa-e-QU você saiu ontem  
"Com quem você saiu ontem?"

(17) mo-dee-bo tii kua wyhy riwahinyra?  
pessoa-Benefactivo-QU ele aquela flecha deu  
"Para quem ele deu aquela flecha?"

(18) mo-ràbi-bo kai kaa may temyta?  
pessoa-de-QU você esta faca pegou  
"De quem você pegou esta faca?"

(19) aõ-di-bo juwata temyta?  
coisa-Instrumental-QU piranha pegou  
"Com que (você) pegou a piranha?"

Note-se ainda que nos sintagmas QU referenciais, isto é, aqueles em que ocorre um elemento nominal quantificado, este nominal também aparece na mesma posição infixada, como exemplificado em (20) e (21):

(20) Aõ-utura-bo kai temyta?  
coisa-peixe-QU você pegou  
"Que peixe você pegou?"

- (21) mō-utura-bo kaa rare?  
pessoa-peixe-QU este é  
“De quem é este peixe?”

Se o SN quantificado for o argumento interno de um verbo que requer o marcador acusativo ou outra partícula posposicional qualquer, tanto o nominal quanto a partícula serão infixados na palavra interrogativa, conforme ilustrado pelos exemplos (22) e (23):

- (22) aō-ijyy-my-bo kai telyyta kau?  
coisa-história-Acus-QU você contou ontem  
“Que história você contou ontem?”

- (23) mō-hawyy-dee-bo kai may tewahinyta?  
pessoa-mulher-Benefactivo-QU você faça deus?  
“Para que mulher você deu a faca?”

#### 4. Perguntas SIM/NÃO, construções de tópico e de foco em Karajá

Antes de apresentarmos nossa proposta de análise das palavras interrogativas descritas acima, façamos uma rápida excursão a algumas construções igualmente relacionadas à periferia esquerda da frase em Karajá, a saber, perguntas do tipo SIM/NÃO, bem como construções de tópico e de foco.

##### 4.1. Perguntas SIM/NÃO

Note-se que a palavra *aōbo* também é usada como um operador interrogativo para formar construções interrogativas do tipo SIM/NÃO. Neste caso, *aōbo* ocorre consistentemente na posição de segundo constituinte da frase, como exemplificado pelo contraste entre a frase declarativa em (24) e a interrogativa SIM/NÃO em (25):

- (24) a-biōwa orera-my robira ahu-ki  
seu amigo jacaré-Acus viu lago-em  
“Seu amigo viu o jacaré no lago”
- (25) a-biōwa **aōbo** orera-my robira ahu-ki?  
seu amigo **Q** jacaré-Acus viu lago-em  
“Seu amigo viu o jacaré no lago?”

##### 4.2. Construções de tópico e de foco

As construções de tópico, em Karajá, são obtidas pela anteposição do SN topicalizado em posição à esquerda da frase, conforme exemplificado pelo contraste entre (26) e (27):



(26) Isè kua ijadoma-my robira hawa-ki  
mãe dela aquela moça-Acus viu aldeia-em  
“A mãe dela viu aquela moça na cidade”

(27) Kua ijadoma-my, isè **tuu** robira hawa-ki  
aquela moça-Acus mãe dela ela viu aldeia-em  
“Aquela moça, a mãe dela a viu na aldeia”

Note-se que a construção em (27) deve necessariamente ser construída com o clítico resumitivo de terceira pessoa *tuu*, em Karajá. Se retirado o clítico, a frase torna-se agramatical, como demonstrado em (28):

(28) \*Kua ijadoma-my, isè robira hawa-ki  
aquela moça-Acus mãe dela viu aldeia-em  
“Aquela moça, a mãe dela viu na aldeia”

Em distribuição complementar com a partícula interrogativa *aõbo*, em Karajá, ocorre o morfema funcional livre *dori* que, tal como *aõbo*, ocorre consistentemente à direita do SN a que se refere. Analisamos *dori* como sendo uma partícula de foco, talvez uma clivagem, que ao contrário da construção de tópico introduz informação nova. A interpretação da frase (29), no handout, difere da interpretação da frase (27), pois em (27) o SN Kua ijadoma-my expressa informação dada, disponível contextualmente, constituindo pressuposição compartilhada entre falante e ouvinte, enquanto que em (29), o SN tem interpretação focal, isto é, constitui em si mesmo a informação nova.

(29) Kua ijadoma-my **dori** isè robira hawa-ki  
aquela moça-Acus FOCO mãe dela viu aldeia-em  
“Foi aquela moça que a mãe dela viu na aldeia”

Observe-se que, agora, como esperado, não é possível coindexar-se o SN focalizado com o clítico resumitivo. Conforme destacamos anteriormente, um dos diagnósticos para distinguir tópico de foco é exatamente a impossibilidade de incluir o clítico resumitivo nas construções focais. É o que se exemplifica com a agramaticalidade de (30), no handout:

(30) \* Kua ijadoma-my **dori** isè **tuu** robira hawa-ki  
aquela moça-Acus FOCO mãe dela ela viu aldeia-em  
“Foi aquela moça que a mãe dela a viu na aldeia”

Contrastem-se, em seguida, os dados acima com o dado (31), no handout. Trata-se de uma construção de tópico interrogativa do tipo SIM/NÃO que, como vimos, insere o operador interrogativo *aõbo* na posição de segundo constituinte da frase. Observe-se que a frase (31) é construída com o clítico de terceira pessoa *tuu*. A omissão do clítico torna a construção agramatical, tal como exemplificado pelo dado (32):

- (31) Kua ijadoma-my aõbo, isè **tuu** robira hawa-ki?  
aquela moça-Acus **Q** mãe dela ela viu aldeia-em  
“Aquela moça, a mãe dela a viu na aldeia?”
- (32) \*Kua ijadoma-my aõbo isè robira hawa-ki  
aquela moça-Acus **Q** mãe dela viu aldeia-em  
“Aquela moça, a mãe dela viu na aldeia?”

## 5. Construções com o operador condicional *txibo*

Rizzi (97) propõe que o sistema de finitude constitui a projeção mais baixa do sistema de complementização, selecionando um sistema flexional com distinções cuja realização morfológica varia de língua para língua, mas que, não obstante, parecem estar relacionadas a morfemas funcionais livres no sistema de complementização.

Em Karajá, o operador condicional *txibo* acarreta uma flexão morfológica específica da forma verbal, que apresenta o sufixo *-keki*, conforme exemplificado em (33) e (34):

- (33) **Txibo** kua habu ixy r-i-rubuny-**keki**, i-riorè rãma r-i-sa-õ-ke  
se aquele homem porcão 3-vt-matar-SUBJ 3-filho fome 3-vt-sentir-  
NEG-COND  
“Se aquele homem matasse o porcão, o filho dele não ficaria  
com fome”
- (34) **Txibo** kai b-i-heteny-keki, weryry r-a-hiny-kre  
se você 2-vt-bater-SUBJ menino 3-vt-chorar-FUT  
“Se você bater nele, o menino vai chorar”

Note-se que a relação dependencial entre *txibo* e *-keki* é instanciada, quer se trate de forma de imperfeito, como é o caso de (33) ou de forma de futuro do subjuntivo, caso de (34).

Observe-se ainda a respeito da dependência entre o operador *txibo* e o sufixo verbal *-keki*, os fatos exemplificados em (35) e (36). Na construção (35), em que a idéia de condição é substituída pela idéia de tempo, o sufixo *-kre* de futuro deve ser utilizado, sendo ilícito o uso de *-keki*, conforme demonstrado em (36):

- (35) kai b-i-heteny-kre-u, weryry r-a-hiny-kre  
você 2-vt-bater-FUT-QUANDO menino 3-vt-chorar-FUT  
“Quando você bater nele, o menino vai chorar”
- (36) \*kai b-i-heteny-keki-u, weryry r-a-hiny-kre  
você 2-vt-bater-SUBJ-QUANDO menino 3-vt-chorar-FUT  
“Quando você bater nele, o menino vai chorar”

Nas orações encaixadas de natureza substantiva, *txibo* pode funcionar como conjunção integrante, mas já não admite o sufixo *-keki* na forma verbal. Nessas construções encaixadas, se o verbo é do tipo que marca seu complemento com o sufixo acusativo *-my*, a oração completiva será também assim marcada conforme demonstrado em (37):

- (37) *kua habu r-i-ery-õ-ri txibo i-hawyy r-u-ru-ra-my*  
aquele homem 3-vt-saber-PRES se 3-mulher 3-vt-morrer-PASS-  
SUBORD  
“Aquele homem não sabe se sua mulher morreu”

## 6. O sufixo subordinador *-my*

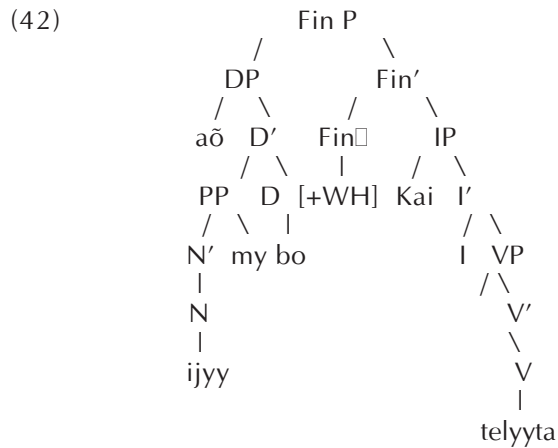
As orações substantivas que são argumentos de verbos tais como *-bi-“ver”, -ery-“saber”, -hõtiny-“achar”, -lyy-“contar”* e outros, são geralmente marcadas na posição final da forma verbal pelo sufixo acusativo *-my*. Nessas construções, o sistema de complementização pode conter uma palavra do tipo *bo* na posição de Especificador do Sintagma de Finitude ou pode estar vazio, conforme exemplificado abaixo:

- (38) *kua habu r-i-ery-õ-ri tiubo i-hawyy r-u-ru-ra-my*  
aquele homem 3-vt-saber-PRES quando 3-mulher 3-vt-morrer-  
PASS-SUBORD  
“Aquele homem não sabe quando sua mulher morreu”
- (39) *kua habu r-i-ery-õ-ri aõherekibo i-hawyy r-u-ru-ra-my*  
aquele homem 3-vt-saber-PRES porque 3-mulher 3-vt-morrer-  
PASS-SUBORD  
“Aquele homem não sabe porque sua mulher morreu”
- (40) *kua habu r-i-ery-õ-ri i-hawyy r-u-ru-ra-my*  
aquele homem 3-vt-saber-PRES 3-mulher 3-vt-morrer-PASS-SUBORD  
“Aquele homem não sabe (QUE) sua mulher morreu”

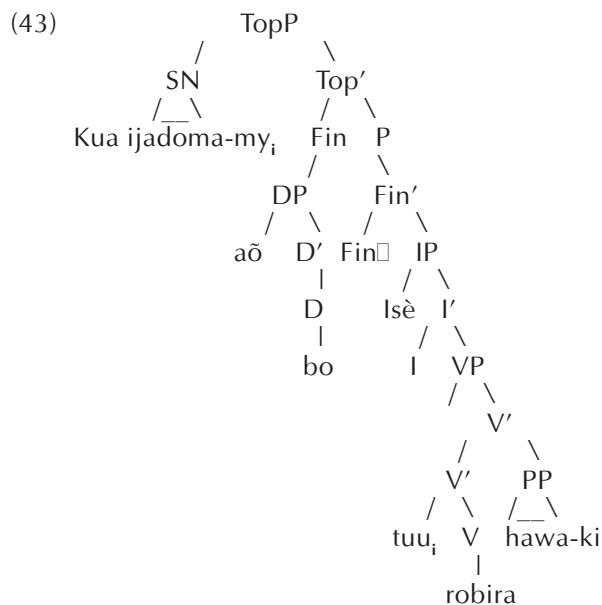
## 7. A configuração interna dos sintagmas QU e a estrutura de CP em Karajá

Passemos finalmente para a etapa desta comunicação, onde fazemos propostas integradas de análise não só para a configuração interna dos sintagmas QU, mas também para as interrogativas do tipo SIM/NÃO, para as construções de tópico, foco e condição acima descritas, visando a avançar uma análise preliminar da estrutura de CP em Karajá. Seguindo Abney (1987), exploramos a possibilidade de que um SN tem duas projeções: uma projeção lexical cujo núcleo é N e uma projeção funcional cujo núcleo é D. Esta estrutura nos permitirá analisar, por exemplo, a frase em (20) como representado em (41):



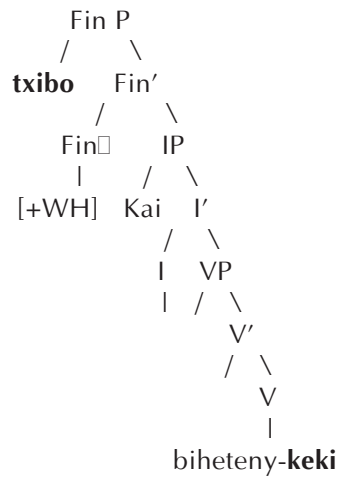


Propomos em seguida a representação em (43) para analisar as interrogativas do tipo SIM/NÃO como, por exemplo, a frase (31) em que se tem uma estrutura de tópico interrogativa. Observe-se que em (43) captura-se a simetria morfológica e sintática existente entre os dois tipos de interrogativas em Karajá, as interrogativas QU e as interrogativas SIM/NÃO, situando-se o operador interrogativo aōbo na mesma posição dos sintagmas QU. A diferença está no fato de que o núcleo *bo* do operador SIM/NÃO é uma forma intransitiva, que não seleciona nenhum complemento. O SN *Kua ijadoma-my*, “aquela moça”, ocupa a projeção funcional imediatamente acima, um sintagma de tópico, implicando que as interrogativas sim/não necessariamente topicalizam o constituinte a que o operador interrogativo aōbo se segue. Observe-se que a posição que o SN *Kua ijadoma-my* ocupa é a de especificador de Tópico e não a de Foco, pois, como já observamos anteriormente, só a construção de tópico admite o clítico resumitivo.

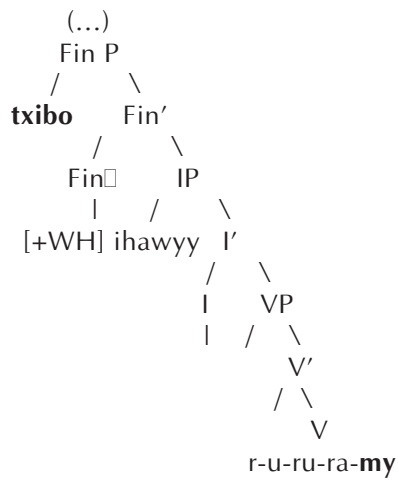




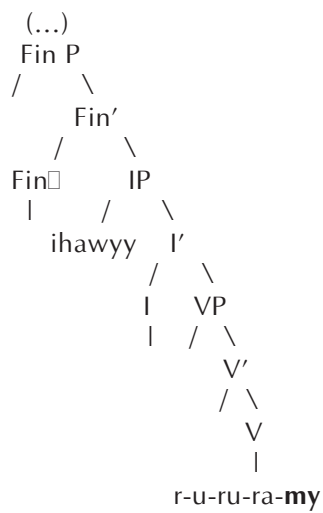
(45)



(46)



(47)



## 8. Conclusões

Em resumo, investigamos neste trabalho a estrutura das palavras interrogativas QU na língua Karajá, adotando uma análise que pretendeu abordar de maneira integrada estas estruturas, construções interrogativas do tipo sim/não, bem como construções de tópico, foco, condição e subordinação. A língua Karajá exibe traços QU que, como procuramos demonstrar, admitem uma segmentação mais bem definida do que a segmentação que geralmente se obtém em línguas amalgamantes como o Inglês ou o Português. A análise sintática das estruturas interrogativas aqui proposta prevê que o elemento QU seja o núcleo da sua categoria funcional, permitindo, assim, capturar sintaticamente o paralelismo morfológico existente entre estas construções. Exploraram-se ainda construções de tópico e de foco, relacionando-as às construções interrogativas no âmbito do sintagma de complementização. Analisamos também, o operador condicional *txibo*, representado no sistema de finitude, que constitui a projeção mais baixa do sistema de complementização, selecionando um elemento flexional relacionado ao morfema funcional livre na posição de Especificador do Sintagma de Finitude. Finalmente, propomos uma análise para as orações substantivas, que são marcadas pelo sufixo *-my*, relacionado ao Sintagma de Finitude do sistema de complementização da encaixada, que pode inclusive estar vazio, capturando um tipo específico de relação dependencial entre o sistema de complementização e a estrutura oracional.

## Referências Bibliográficas

- ABNEY, S. (1987). *The English Noun Phrase in its Sentential Aspects*, PhD dissertation, MIT.
- CHOMSKY, N. (1977b). On Wh-movement. In P. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian, eds. *Formal Syntax*, New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_. (1993). A Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 1
- \_\_\_\_\_. (1995). *The Minimalist Program*, MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N., and H. LASNIK. The theory of Principles and Parameters. In J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternefeld, and T. Venemann, eds., *Syntax: An international handbook of contemporary research*. Berlin: de Gruyter, 1993.
- CHENG, L. L.-S. (1993). *On the typology of Wh-questions*. Doctoral dissertation, MIT.
- MAIA, M. (2000). *Palavras Interrogativas em Karajá*. *Revista Lacos*, vol. 1, n. 1, p. 91-110.
- MAIA, M., A. SALANOVA & E. LANES. (2000). *Syntaxis Comparada de las interrogativas en Karajá, Kayapó y Manchineri*. In: Hein van der Voort & Simon van de Kerke (eds), *Essays on Indigenous Languages of Lowland South America*, Leiden: CNWS Publications, vol. 1, p. 297-308.



POLLOCK (1989). Verb movement, Universal Grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, 364-424

RIZZI, L. (1991). Residual Verb Second and the Wh-criterion. Technical Report 2, Université de Genève.

\_\_\_\_\_. (1997). The Fine Structure of The Left Periphery. In: Haegeman, L (org) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.

TSAI, W.-T. D. (1994). On economizing the theory of A-bar dependencies. Doctoral dissertation, MIT.

Construções do tipo  
QU em Karajá

Marcus Maia